

Etnomusicologia aplicada, identidades culturais e equalização dos discursos: reflexões sobre duas experiências de campo

Júlia Zanlorenzi Tygel
UNICAMP
e-mail: jutygel@yahoo.com

Lenita Waldige Mendes Nogueira
UNICAMP
e-mail: jutygel@yahoo.com

Sumário:

No Brasil, a proximidade dos etnomusicólogos aos seus objetos de pesquisa tem favorecido o desenvolvimento da etnomusicologia aplicada, que visa direcionar, através de metodologias participativas, seus resultados principalmente às comunidades estudadas. Focalizando as metodologias de dois projetos dessa natureza – estudadas em pesquisa de iniciação científica (FAPESP) em andamento – tecemos breve reflexão sobre a construção de identidades culturais e a equalização dos discursos de seus participantes. Buscamos, através da divulgação e discussão de metodologias dessa área, contribuir, dentro dos parâmetros de uma iniciação científica, para a ampliação do debate sobre essas práticas.

Palavras-Chave: etnomusicologia aplicada, metodologias, pesquisa participativa.

A etnomusicologia *aplicada*, *participativa* ou, ainda, *política*, tem se expandido no Brasil e no mundo. Aqui, onde os inúmeros locais de pesquisa se inserem em um contexto de grande desigualdade social, os etnomusicólogos são convidados, não raras vezes, a atuarem de forma a beneficiar as comunidades estudadas, ampliando o conceito tradicional de pesquisa acadêmica. Frequentemente, os objetos de estudo etnomusicológico encontram-se próximos aos campos de trabalho dos pesquisadores, e muitas vezes, até, com eles se misturam. Por essas razões, a etnomusicologia brasileira tem consolidado características diferenciadas, com crescente discussão e surgimento de projetos em sua vertente aplicada ou participativa.

Segundo o Prof. Dr. Samuel Araújo¹, entretanto, a maioria dos projetos em etnomusicologia aplicada carecem do que chama de *equalização* dos discursos do pesquisador e da comunidade pesquisada: por mais que o etnomusicólogo tenha uma postura ética de beneficiar a comunidade com seu estudo e trabalho, se as pessoas envolvidas no projeto não puderem dialogar com ele de forma igualitária, isto é, de posse de conhecimentos acadêmicos aos quais, normalmente, apenas o pesquisador tem acesso, não serão rompidos os mecanismos que sustentam a desigualdade. Para atingir esse objetivo, segundo ele, deve-se introduzir aos participantes dos projetos discussões que possibilitem uma reflexão crítica sobre o trabalho, a análise dos dados, a própria academia, etc., através do acesso a textos e discussões acadêmicas, da capacitação para escrever artigos, participar de fóruns de pesquisa, etc.

Em nossa pesquisa, procuramos contribuir para a discussão sobre as metodologias em etnomusicologia *aplicada* ou *participativa* a partir do estudo e reflexão sobre das práticas de dois projetos nessa área. Nesse artigo, comentamos algumas experiências de campo, refletindo sobre elas a partir das referências bibliográficas e observações teóricas apreendidas em entrevista com o Prof. Araújo. O momento de finalização da pesquisa já nos permite tecer alguns comentários conclusivos.

¹ Dados obtidos em entrevista realizada em março de 2006.

Sobre os projetos estudados

1. Projetos realizados pela ONG Associação de Cultura Popular e Música Tradicional do Recôncavo (APCM/Recôncavo) – Cachoeira/Bahia

O primeiro projeto visitado engloba as atividades desenvolvidas pela ONG *Associação de Cultura Popular e Música Tradicional do Recôncavo* (APCM/Recôncavo), sediada em Cachoeira/Bahia, fundada e presidida pela etnomusicóloga, radialista e doutoranda em antropologia Francisca Marques. A instituição abarca projetos de educação comunitária, introduzindo jovens da comunidade à prática e profissionalização na área de pesquisa etnomusicológica e gerando acervo audiovisual que, futuramente, deverá estar aberto a visitação.

O início dessas atividades se deu em 2001, quando Marques começou sua pesquisa de mestrado (UFRJ), cujo campo é em Cachoeira. Durante um período de estadia na cidade, ela estabeleceu contato com jovens músicos da filarmônica *Lira Siciliana*, com os quais iniciou trabalhos de captação de áudio – sendo radialista com experiência em educação comunitária, Marques se interessou pelo desenvolvimento dessas atividades na cidade que sediava sua pesquisa. Esses trabalhos incluíram uma base conceitual sobre ecologia sonora, paisagem sonora, trabalho acústico e etnomusicologia, que, depois, foi praticada na concepção, gravação e produção, por esses jovens, do CD não comercial *Cachoeira, trabalho acústico e paisagens sonoras*. Meses depois Marques ofereceu gratuitamente dois cursos nos quais introduziu aos alunos bibliografia específica de etnomusicologia e discussões baseadas em documentários etnográficos audiovisuais²; e iniciou, com eles, trabalhos de pesquisa de campo em projetos individuais e coletivos, introduzindo-os a técnicas de entrevista e manuseio de equipamentos de gravação de áudio e vídeo³. Em 2003, ano de fundação da APCM/Recôncavo, Marques ministrou gratuitamente outros cursos teóricos e práticos na área de pesquisa em etnomusicologia⁴, e, novamente, outros cursos em 2005⁵. A capacitação dos jovens que participaram desses cursos viabilizou sua parceria em projetos do *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN)⁶ e UNESCO⁷. Os materiais coletados em campo com os grupos de cultura popular foram copiados e a eles doados, possibilitado a muitos deles obterem o primeiro registro de suas práticas.

Ademais, desde sua criação a APCM/Recôncavo assessora tais grupos na área de comunicação e projetos, do que derivou a criação da ONG *Associação Cultural do Samba de Roda*

² A saber, os documentários da série *Bahia, Singular e Plural*, produzida pela TV Educativa.

³ Esses cursos foram realizados em parceria com o Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ.

⁴ Alguns desses cursos foram realizados em parceria com o Grupo de Estudos de Som e Música em Antropologia (SOMA) da USP.

⁵ Os cursos ministrados entre 2001 e 2005 foram: *Captação Sonora e Trabalho de Campo e Introdução à Pesquisa em Etnomusicologia*, realizados em parceria com o Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ; *Etnomusicologia I; Pesquisa de Campo, Prática de Laboratório e Estágio em Assessoria de Comunicação e Projetos*, realizados em parceria com o Grupo de Estudos de Som e Música em Antropologia da USP; *Técnicas de Entrevista, Captação de Som e Inventário de Referências Culturais*. Os cursos foram oferecidos pela APCM/Recôncavo através de seu Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Áudio (LEAA).

⁶ Os jovens pesquisadores elaboraram, com Marques, o material que constitui os anexos do inventário dos bens imateriais de Cachoeira e São Félix, como parte do projeto piloto do IPHAN *Rotas da Alforria*. Mais informações no site: <www.iphan.gov.br>

⁷ Os projetos realizados em parceria com a UNESCO até o momento, do programa *Young Digital Creators* dessa instituição, foram: *O som da nossa água*, que propõe, através de criação musical, a discussão sobre a importância e utilização da água; e *Scenes and Sounds of my city*, em educação patrimonial, com o uso de fotografia e som. Os *samples* e as imagens dos dois projetos podem ser acessadas através dos sites: <http://unesco.uiah.fi/water/pieces/results?get_regions=Latin%20America%20and%20the%20Caribbean> para o projeto “O Som da Nossa Água”, e <<http://unesco-mycity.paris4.sorbonne.fr/gallery/050324/dia/LEAA/>> para o projeto “Scenes and Sounds of my City”.

Dalva Damiana de Freitas, e o estágio de uma integrante dessa nova ONG nessa área. Sobre isso, comenta Marques:

Nesses projetos, agora com a *Associação Cultural Dalva Damiana de Freitas*, eu trabalho com três netos da Dona Dalva [liderança do grupo], uma delas estagiou comigo no ano passado todo, ela fazia um estágio justamente de organização da ONG. Ela aprendeu a fazer projetos, no início, eu que escrevia o material, agora eu só reviso o que ela faz. Inclusive o que está sendo bem bacana é que isso trouxe uma proximidade muito maior com a comunidade do Samba-de-Roda Suerdieck, e estabeleceu um grau de confiança a tal ponto que nós somos ONGs irmãs, de trabalho conjunto, trabalhando juntas. Os netos dela trabalham comigo para isso, para saber como fazer, aprender a fazer tanto os projetos, tanto representar a associação deles – em congressos, inclusive (ela [a estagiária] já foi comigo). Temos trabalhado juntos nesse sentido, também, de que eles sejam independentes, é esse o objetivo. (Marques, 2005, transcrição de palestra apresentada no V Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre).

Durante a permanência em campo, houve oportunidade de conversar e entrevistar muitos dos participantes das atividades da APCM/Recôncavo. Nesses relatos, foi possível perceber que a prática de pesquisa em etnomusicologia tem modificado a percepção desses jovens sobre a cultura na qual estão inseridos. Embora morem em Cachoeira e convivam, não raras vezes de forma íntima e assídua, com muitos dos grupos entre os quais realizaram suas pesquisas, não se interessavam ou valorizavam como o fazem com outros grupos musicais, especialmente aqueles veiculados pela grande mídia. A partir de cursos ministrados por Marques, os alunos foram estimulados a ter um outro olhar sobre as práticas tradicionais, apreciando-a não somente como objeto de estudo. Uma das participantes, inclusive, passou a integrar o grupo de samba de sua avó, pelo qual, anteriormente, não tinha grande interesse.

Todos os entrevistados reconheceram a importância de terem adquirido o que um deles denominou de “consciência cultural” sobre sua própria cultura. Também foi ressaltado como ponto positivo a visibilidade dos projetos na cidade, pontuada com a mostra dos trabalhos da equipe em exposição realizada pelo IPHAN sobre o projeto *Rotas da Alforria*, e vivenciada no cotidiano dos trabalhos de campo – isso contribui, segundo eles, para uma expansão dessa “consciência cultural” entre os cachoeiranos. A estagiária em assessoria de comunicação em projetos, que recebeu cargo administrativo na ONG *Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas*, relatou seu aprendizado na elaboração de projetos e no gerenciamento de atividades das duas ONGs, o que influenciou, inclusive, sua escolha profissional. Todos os entrevistados, mesmo aqueles que por motivos diversos se desvincularam da APCM/Recôncavo, declararam que o que aprenderam na ONG modificou suas visões de mundo. Os atuais membros da ONG residentes em Cachoeira apostam na continuidade dos trabalhos, inclusive, eventualmente, sem a presença de Marques.

2. Projetos em música desenvolvidos pela ONG Centro de Trabalho Indigenista entre as comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins

Em Carolina, no Maranhão, localiza-se o *Centro de Ensino e Pesquisa Pënxwyj Hëmpejxý*, onde se desenvolvem as atividades da ONG *Centro de Trabalho Indigenista* (CTI)⁸ com as comunidades Timbira deste estado e do Tocantins. Desde 1995, os trabalhos em educação do CTI entre essas comunidades passaram a incluir *oficinas de música*, das quais derivou a criação do *Arquivo Musical Timbira*⁹, ambos coordenados desde o início pela compositora, etnomusicóloga e antropóloga Dra. Kilza Setti.

⁸ Organização Não-Governamental constituída juridicamente como associação sem fins lucrativos que desenvolve atividades que visam contribuir para que os Povos Indígenas assumam o controle efetivo de toda e qualquer intervenção em seus territórios. Mais informações no site: <www.trabalhoindigenista.org.br>.

⁹ As *oficinas de música* tiveram início em 1995 e passaram a ser realizadas com periodicidade regular no *Centro de Ensino e Pesquisa Pëntxwyj Hëmpejxý* desde 1999. O *Arquivo Musical Timbira* teve início em 1996 e obteve patrocínio do *Programa Petrobras Música* entre 2002 e 2004.

As *oficinas de música* têm como objetivo estimular nos alunos Timbira uma consciência da importância de seu repertório musical, através, principalmente, de atividades de apreciação musical (de músicas do repertório Timbira e não-Timbira) e discussão, com análise de alguns parâmetros musicais (como timbre e noção geral de altura). O *Arquivo Musical* contribui para esse objetivo capacitando pesquisadores Timbira, que recolhem e catalogam, com apoio de agentes do CTI, material sonoro de suas manifestações musicais, proporcionando uma circulação de práticas entre aldeias dos cinco povos Timbira envolvidos¹⁰ – o que as tem estimulado onde, por razões diversas, se encontravam enfraquecidas.

Nas *oficinas de música* e nas atividades relativas ao *Arquivo*, Setti vem introduzindo, principalmente entre os jovens, o debate sobre a importância em se dar continuidade às práticas tradicionais, que, entre os Timbira, estão frequentemente relacionadas à música. A apreciação conjunta de repertório musical Timbira, com a identificação de parâmetros musicais, tem chamado a atenção dos Timbira de que suas tradições musicais têm especial interesse.

Durante a permanência em Carolina/Maranhão, em visita e participação de atividades do primeiro evento relacionado a um Ponto de Cultura¹¹ sediado no *Centro de Ensino e Pesquisa Pënxwyj Hëmpexy*, foi possível realizar muitas entrevistas com cantadores velhos e jovens Timbira a respeito das *oficinas de música* e do *Arquivo Musical*. Os depoimentos dos jovens revelam que muitos mudaram sua perspectiva em relação às práticas musicais tradicionais, aos cantadores velhos de suas aldeias e aos seus projetos de vida, a partir do engajamento em atividades relacionadas aos projetos em pauta (mesmo não necessariamente tendo deles participado, mas simplesmente percebendo um movimento de estímulo à valorização de sua cultura). Alguns desses jovens relataram seu anterior desinteresse pelas práticas tradicionais de sua cultura, e sua crescente *identificação* com elas desde que começaram a ter contato com os projetos em pauta.

Em depoimentos de cantadores velhos, foi possível notar, também, a preocupação em ensinar os mais novos – sob o risco de que, se não o fizerem, segundo eles, a cultura irá acabar – e o decorrente interesse nos projetos. Muitos entrevistados comentaram a importância dos projetos relacionados à música do CTI em estimular o interesse dos jovens à cantoria tradicional. Embora explicitamente não comentado, foi possível notar que o *Centro de Ensino e Pesquisa Pënxwyj Hëmpexy* é também um espaço de encontro e trocas entre os cinco povos Timbira do Maranhão e Tocantins, proporcionando uma interação que favorece a intensificação das práticas tradicionais.

Em todos os relatos, foi possível notar grande interesse na existência e continuidade do *Arquivo Musical*, principalmente para ser utilizado por próprios Timbira, contribuindo para a circulação de repertório e de gravações de cantores importantes. Também foi destacado que a prática de coleta e catalogação para o *Arquivo Musical* contribui para o aprendizado dos jovens de conteúdos extra-musicais relacionados às músicas gravadas. Foi marcante, inclusive, o interesse, a paciência e a precisão com que desejavam realizar as atividades de pesquisa do *Arquivo Musical*, exercitadas em oficina realizada no evento.

Considerações finais

Nas duas experiências de campo, notou-se que os projetos estão influenciando de maneira considerável o grau em que os participantes, principalmente os jovens, se *identificam* com as práticas musicais tradicionais de seus contextos culturais.

¹⁰ Os grupos Timbira são: Canela-Apãniekrá, Krikati, Canela-Ramkokamekrá, Gavião-Pykopjê, Apinajé e Krahô.

¹¹ “Como um mediador na relação entre Estado e sociedade, e dentro da rede, o Ponto de Cultura agrega agentes culturais que articulam e impulsionam um conjunto de ações em suas comunidades, e destas entre si.” (informações colhidas no sítio eletrônico do Ministério da Cultura: <<http://www.cultura.gov.br>>, acessado em julho 2006)

O conceito de *identidade cultural* tem sido bastante discutido nas ciências humanas. Segundo Cuche (2002), a definição de identidade se baseia na distinção entre *nós* e *eles*. Para Barth (1976), a *identidade cultural* de um grupo é construída de forma dinâmica por seus membros, ou seja, são as pessoas do grupo que definem o que é sua *identidade*, e essa definição está sujeita a transformações. Segundo essa abordagem, pode-se dizer que, uma vez que os projetos em pauta estão influenciando o que alguns Timbira têm como pressuposto de sua identidade cultural, é de se esperar que eles influam, a médio e longo prazo, na auto-identificação de todo o “grupo Timbira”.

Referindo-se a idéias de Bourdieu, Cuche (2002) afirma que o poder de definir a identidade de si mesmo e dos outros está relacionada ao poder social. Uma minoria dominada que aceita e interioriza o que o dominador lhe impõe como identidade cultural começa, frequentemente, a manifestar fenômenos denominados *identidade negativa* (Cuche, 2002:184), isto é, passa a realçar apenas os aspectos de sua cultura que foram destacados, estereotipados ou estigmatizados pelo outro. Considerando que os grupos Timbira e cachoeiranos contemplados nos projetos possuem, no cenário nacional, poder social diminuído, pode-se dizer que estão sujeitos ao processo de construção de *identidades negativas*. Nesse sentido, o estímulo à valorização de conteúdos culturais eleitos como significativos pelas próprias comunidades em pauta contribui para a minimização desse processo. Entretanto, segundo Araújo, esse estímulo só será efetivo se o pesquisador que o realiza e as comunidades envolvidas tiverem um diálogo *equalizado*, isto é, se forem diminuídas as diferenças que separam seus discursos (especialmente através da introdução dos membros da comunidade a conhecimentos, críticas e saberes aos quais em geral somente o pesquisador tem acesso).

Analisando os projetos estudados em nossa pesquisa, podemos considerar que neles, em maior ou menor grau, e de maneiras diferentes, essa perspectiva reflexiva, *equalizadora* da etnomusicologia participativa está presente. Como descrito, os cursos oferecidos pela APCM/Recôncavo têm introduzido os alunos a uma bibliografia básica em etnomusicologia, e, atualmente, alguns participantes estão se preparando para participação em congresso. A capacitação técnica em pesquisa (realização de entrevistas, manuseio de equipamentos, elaboração de diários de campo), embora não tenha um caráter reflexivo teórico, complementa esse processo, uma vez que permite aos participantes reconhecer, de certo modo, um pesquisador acadêmico como colega de atividades.

Nos projetos entre os Timbira, a *equalização* de discursos nos parece mais difícil de ser atingida, uma vez que existe, entre *nós* e *eles* (Cuche, 2002), uma densa barreira cultural. Alguns processos que, em contextos urbanos como Cachoeira, nos parecem simples (como manusear um aparelho gravador de fitas cassete), às vezes são totalmente alheios à vida cotidiana desses povos (que não possuem, em todas as aldeias, energia elétrica, e talvez em nenhuma haja um aparelho desses). Além disso, as estadias de Setti em campo são curtas e entrecortadas por meses de ausência (embora as atividades do *Arquivo Musical* não dependam de sua presença, seu estímulo pessoal é de grande importância). A distância de muitas aldeias do *Centro de Ensino e Pesquisa Pënxyj Hëmpejxÿ* e as atividades cotidianas e rituais dos Timbira dificultam, também, o estabelecimento de membros fixos, o que possibilitaria um trabalho mais contínuo.

A introdução de uma discussão teórica sobre conceitos etnomusicológicos permeia, levemente, o discurso de Setti em suas aulas, mas está longe de atingir um nível acadêmico. Considerando que o português não é a língua materna dos Timbira, que o contexto em que vivem não prioriza a educação formal da nossa sociedade (mesmo o calendário escolar é pensado em função de seus ciclos de rituais), e que uma reflexão teórica tão aprofundada e embasada – embora necessária – talvez seja, nessas condições, menos importante que outras discussões, podemos relativizar a noção de que a *equalização* dos discursos através da inserção a questões e práticas acadêmicas seja ponto fundamental para garantir resultados satisfatórios no projeto. Destacamos que seria ideal que se dessem tais debates com os Timbira, e, inclusive, segundo Setti, seria desejável que, a longo prazo, se formassem professores de música Timbira aptos a atuarem na área

de etnomusicologia. As condições em que se realizam os referidos projetos entre essas comunidades, porém, dificultam a concretização de tais objetivos – o que não invalida, porém, os esforços no sentido de atingi-los.

Finalmente, ressaltamos que ainda há poucas reflexões sobre metodologias em etnomusicologia aplicada ou participativa, e pouca divulgação de como projetos nessa área atuam. Desejamos, dentro dos parâmetros de uma Iniciação Científica, contribuir para a ampliação desse debate em um país que possui experiências tão diversificadas.

Referências Bibliográficas

- Azanha, Gilberto (1984). *A Forma Timbira: estrutura e resistência*. São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.
- Barth, Fredrick (1970). *Los grupos étnicos y sus fronteras: la organizacion social de las diferencias culturales*. México: D.F. Fondo de Cultura Econômica.
- Cuche, Denys (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: Edusc, 2ª ed.
- Davis, Martha E (1992). Carreers, 'Alternative Careers' and the Unity Between Theory and Practice in Ethnomusicology. *Ethnomusicology*. Vol. 36 n° 3, 361-367.
- Ladeira, Maria Elisa (s.d.). Uma escola Timbira: subsídios para uma discussão. Disponível em: <www.trabalhoindigenista.org.br/papers.asp> Acessado em novembro de 2005.
- Marques, Francisca (2003). *Samba de roda em Cachoeira, Bahia: uma abordagem etnomusicológica*. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da UFRJ.

Outras fontes

Entrevistas com Prof. Dr. Samuel Araújo (UFRJ), Dra. Kilza Setti e Francisca Marques, realizadas entre dezembro de 2005 e março de 2006.